



QUEM ESTÁ AÍ?

QUEM ESTÁ AÍ?

SINOPSE Numa espécie de torre de vigilância, um Homem vive obcecado com a fiscalização e o controlo do seu espaço, repete compulsivamente gestos que o mantêm alerta quanto à possibilidade de vir a ser invadido. Assaltado por fantasmas que o atormentam, ele quer estar pronto para quando o mal chegar. Presente-o, mas não o vê. Está, no entanto, convencido de que virá. Que mal será esse? Uma Jornalista e um Repórter de Imagem editam uma notícia sobre migrantes resgatados de um naufrágio. Descrente do sentido da sua missão, da «dieta de naufrágios» reduzida a um minuto noticioso, a Jornalista volta costas à profissão. A dado momento, o Homem da torre cruza-se com a Jornalista e inquire-a. «De onde vem? O que faz aqui?» Em 8 cenas com elementos dramáticos contínuos e descontínuos, "Quem está aí?" procura problematizar o medo enquanto alimento de sistemas persecutórios baseados em percepções. No cruzamento de planos imaginosos e realistas, desbrava caminho no sentido de uma reflexão sobre os modos mediáticos de ocultação da realidade e de controlo numa sociedade hipervigiada. *Ver tudo e não ver nada* tornam-se politicamente equivalentes.







AS 8 CENAS DE QUEM ESTÁ AÍ?

O texto na base de Quem está aí? resulta de uma oficina de escrita colaborativa projectada para o triénio 2023-2025. Quatro escritores com sensibilidades diversas foram convidados a escrever para o Teatro da Rainha, elegendo, num primeiro momento, um tema como ponto de partida para a concepção de cenas que responderam a diferentes desafios colocados ao longo do processo. O tema escolhido foi o conceito de Invisibilidade. Os exercícios desenvolvidos permitiram aos autores alcançar um conjunto de material em que os modos de convergir e divergir resultaram numa tensão permanente entre uma estrutura rapsódica e uma estrutura narrativa. A organização final do material produzido procurou respeitar essa tensão, na mesma medida em que tentou distribuir de modo equilibrado as contribuições de cada autor. Assim sendo, em Quem está aí? temos como marcas essenciais a elipse narrativa e uma estrutura circular. Entre as cenas 1 e 8 há momentos de descontinuidade e de continuidade que remetem para dimensões distintas das próprias personagens.

CENA 1

Divago. Ficar muitas horas sozinho dá nisto. Começo a cismar... o pensamento galopa sem freio. Entro em contradições e salto de assunto em assunto. Faço associações inesperadas até para mim.

Quem está aí? arranca com o monólogo de um Homem numa espécie de torre de vigiância. Perseguido por fantasmas, ele prepara-se contra um mal que virá. Não o vê, mas pressente-o. Repete os mesmos gestos para estar pronto quando tiver de confrontar o inimigo. Divaga sobre velhas e mitológicas personificações do medo — o bicho papão, o Homem do Saco, o monstro de debaixo da cama, o Homem de Cotão, Deus e o Diabo — e perde-se em cogitações sobre um mundo extinto, «tempo das portas abertas, dos bolsos vazios e dos caminhos despreocupados». Quem é este homem? Nele vislumbramos o clima de paranóia securitária que mina parte das relações na actualidade, fomentando fobias quanto ao desconhecido, alimentando uma indústria de vigiância que se alimenta do medo para ultrapassar, em grande escala, o direito à privacidade, com seus esquemas intimidatórios e manipuladores da opinião pública. O inimigo invisível é o outro que não se vê, mas pressente-se, é o diverso, é um fantasma, uma sombra projectada pelo pavor que rapidamente se transforma em certeza forte e convicção inequívoca.

CENA 3

A gente vê o medo por todo o lado, debaixo da cama, ao virar da esquina, no que é diferente. Mesmo que o medo não se mostre, a gente vê-o. E se não o virmos, inventamo-lo.

A Jornalista da cena anterior refugia-se num banco de jardim depois de abandonar abruptamente o trabalho. O solilóquio intimista partilhado com pombos que não vê, mas escuta, é invadido pelas sombras de dois vigilantes que a observam através de uma câmara. O público tem assim acesso, numa mesma cena, a três dimensões distintas da representação: o corpo da jornalista no banco de jardim, as silhuetas dos vigilantes, o reflexo da cena no jardim captado por uma câmara. A invasão da privacidade é aqui caricaturada a partir de uma problematização da percepção enquanto fonte de conhecimento. O comportamento inesperado da mulher surpreende os vigilantes, para quem a repetição, a reprodução e a cópia são sinónimos de segurança. A insegurança surge do inesperado, do que não se controla. Esta é também a cena em que, pela primeira vez, o mundo fantasioso do Homem da torre se cruza com o mundo fantasiado da Jornalista.





CENA 4

A quantos já arrancou a alma? Não alcançará a minha, aviso-o já! Esses seus aparelhos não lhe servirão de nada.

Decorrendo da abordagem repentina do Homem à Jornalista na cena anterior, em que esta se faz passar por Amina, migrante de rosto desfocado aludida na notícia interrompida da segunda cena, a cena 4 de *Quem está aí?* desloca-nos para o universo das práticas de intimidação exercidas sobre os migrantes. Se num primeiro momento encontramos o Homem da torre exorcizando fantasmas num ritual paramilitar solitário, agora o jogo tem um interlocutor de carne e osso. Convertida em Amina, a Jornalista vê-se no papel do estrangeiro que violou as fronteiras, é exposta às ameaças do inquiridor/inquisidor numa tentativa de manipulação que, sem sucesso aparente, desbrava caminho para a situação de subjugação absoluta representada na cena seguinte.

CENA 5

O que julga saber sobre mim é mais sobre si do que sobre mim.

Talvez ainda tenhamos viva a memória de Ihor Humenyuk, imigrante assassinado no Aeroporto Humberto Delgado por três inspectores do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. É um exemplo entre muitos de como a violência executada sobre os migrantes, mais recentemente exibida em imagens degradantes da operação de deportação levada a cabo pela actual administração Trump nos EUA, invadiu os nossos dias institucionalizando a desumanidade e legitimando a barbárie. No interrogatório aqui desenhado há imensas reminiscências que nos atacam, sendo que todas elas parecem convergir para a subalternidade e a fragilidade daqueles que estão sujeitos à degradação dos valores da hospitalidade e do acolhimento nos lugares de asilo.

CENA 6

Não se dá a conhecer o mal para que todos o adivinhem e vislumbrem com clareza!

Reencontro do Repórter de Imagem com a Jornalista, num momento de clara descontinuidade com as cenas anteriores em que assistimos a uma intersecção entre os contextos de um Homem convencido de ser o que não é de uma mulher, a Jornalista, fazendo-se passar por quem não era. Neste jogo de dissimulações e de simulacros, o reencontro dos dois colegas recentra-nos na problemática das funções do chamado quarto poder enquanto observatório da realidade. Ele, mais pragmático e conformado, ela, em ruptura com modelos que se limitam a criar a ilusão de que as pessoas estão a par do que se passa, como que revelam duas perspectivas opostas acerca do lugar da imprensa nesta conjuntura de *distopia orwelliana* em que estamos mergulhados. «Empresa israelita espiou dezenas de jornalistas e pessoas da sociedade civil através do WhatsApp», foi título de notícia a 31 de Janeiro do ano corrente. Podia ser o mote para esta discussão.



CENA 7

Os nossos pés não se cansam. Foram feitos para romper paredes.

Momento de contornos oníricos, esta cena transporta-nos para o íntimo mais inconsciente do Homem da torre. Nela os vultos ganham voz, os fantasmas invadem a cena em sombras que, no contorno das formas, remetem para as estátuas de Alberto Giacometti. Referindo-se a essa obra ímpar, falou Jean Genet de «reino das sombras» e de «multidão anónima», a mesma que aqui emerge das profundezas de um mar de naufragos. Os mortos que ganham voz nesta cena são prisioneiros libertados da sua condição precária, apoderam-se desse lugar de vigilância para nos lembrarem de todos quantos, desprotegidos, claudicaram devido à trepidez que nos desumaniza e embrutece.

CENA 8

...uma sombra... vejo a sombra... o vulto... que vejo eu?... estarei numa torre ou numa caverna?... num covil, o meu covil, o covil pelo qual sou responsável... tenho uma missão para cumprir... quem está aí?...

O círculo fecha-se, retomamos o lugar inicial nesta estrutura que nos mantém cativos numa história que também parece querer repetir-se. Talvez ainda não tenhamos saído da caverna, talvez continuemos prisioneiros nessa alegoria pensada há 2500 anos por Platão para nos libertar do mundo das sombras, o das percepções enganosas. Talvez, como a personagem de Franz Kafka, continuemos a aperfeiçoar o nosso covil até de nós não sobrar mais do que essa bestialidade que aparta uns dos outros. A ameaça veste uniforme e procura uniformizar, cega-nos nesta época de luz que não esclarece, apenas ofusca. «O que vês quando vês o que estás a ver?», pergunta-nos o Homem no alto da sua torre. Cada um terá a sua perspectiva no lugar onde se encontra. A utopia está lá no horizonte, dizia Eduardo Galeano: «Camino dos pasos, ella se aleja dos pasos y el horizonte se corre diez pasos más allá. ¿Entonces para qué sirve la utopía? Para eso, sirve para caminar.»

4 AUTORES À PROCURA DE VOZ

CRONOLOGIA DO PROCESSO

Pensado por Fernando Mora Ramos, Director Artístico do Teatro da Rainha, para o triénio 2023-2025, *4 autores à procura de voz* foi um processo que partiu de um plano de acção com diversas fases. Aqui estabelecemos a sua cronologia.

25 DE FEVEREIRO DE 2023: encontro entre autores e actores no Teatro da Rainha. Escolha do tema a ser desenvolvido em múltiplas cenas: conceito de "invisibilidade". Primeiro exercício: cada autor concebe uma cena para o tema seleccionado.

2 DE MARÇO DE 2023: partilha da primeira cena concebida por Cecília Ferreira.

10 DE MARÇO DE 2023: partilha da primeira cena concebida por Elisabete Marques.

30 DE MARÇO DE 2023: partilha da primeira cena concebida por Manuel Portela.

10 DE ABRIL DE 2023: partilha da primeira cena concebida por Henrique Manuel Bento Fialho.

3 DE MAIO DE 2023: reunião online. Definição do segundo exercício: cada autor dá continuidade a uma das cenas anteriores.

12 DE MAIO DE 2023: Manuel Portela partilha cena imaginada como continuação da cena escrita por Elisabete Marques.

13 DE MAIO DE 2023: Henrique Manuel Bento Fialho partilha cena imaginada como continuação da cena escrita por Cecília Ferreira.

14 DE MAIO DE 2023: Elisabete Marques partilha cena imaginada como continuação da cena escrita por Henrique Manuel Bento Fialho.

14 DE MAIO DE 2023: Cecília Ferreira partilha duas cenas imaginadas como continuação da cena escrita por Manuel Portela.

13 E 14 DE MAIO DE 2023: segundo encontro presencial entre autores e actores no Teatro da Rainha. Leituras e discussão do material produzido. Definição do terceiro exercício: cada autor intromete-se numa cena de outro autor, acrescentando-a, cortando-a ou rescrevendo-a.

10 DE NOVEMBRO DE 2023: Henrique Manuel Bento Fialho intromete-se num texto de Manuel Portela.

21 DE NOVEMBRO DE 2023: Diga 33 com os quatro autores. Apresentação ao público em geral do projecto 4 autores à procura de voz. Leitura encenada de quatro cenas pelos actores Fábio Costa, Nuno Machado e Beatriz Antunes.

8 DE FEVEREIRO DE 2024: Manuel Portela encaixa vozes numa cena de Henrique Manuel Bento Fialho.

25 DE MARÇO DE 2024: Cecília Ferreira intromete-se num texto de Elisabete Marques.

20 DE ABRIL DE 2024: Elisabete Marques interfere num monólogo proposto por Cecília Ferreira.

17 DE MAIO DE 2024: segunda reunião online. Discussão das cenas produzidas. Primeira proposta de organização dos textos.

30 DE AGOSTO DE 2024: partilha no Google Docs de todo o material produzido.

28 DE NOVEMBRO DE 2024: Estabelecida a organização final das 8 cenas.

14 DE DEZEMBRO DE 2024: Colóquio Teatro Espaço Vazio e Democracia sobre o processo de *4 autores à procura de voz*.

6 DE JANEIRO DE 2025: início dos ensaios de *Quem está aí?*

2 DE FEVEREIRO DE 2025: provas finais do livro *Quem está aí?*

15 E 16 DE FEVEREIRO DE 2025: ensaios com a presença dos *4 autores*.

6 DE MARÇO DE 2025: estreia do espectáculo *Quem está aí?*



CECÍLIA FERREIRA Licenciada em Teatro/Interpretação pela ESMAE – Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde obteve o Mestrado em Línguas e Literaturas Românicas Modernas e Contemporâneas, com uma tese sobre a poesia de Gastão Cruz. É professora de Teatro no Colégio Nossa Senhora do Rosário, no Porto. Tem vários trabalhos de adaptação dramática realizados, com destaque para o da peça “Rei Lear”, de William Shakespeare. Foi ainda membro fundador e elemento da direcção da Artâmega – Academia das Artes de Marco de Canaveses. Escreve teatro. Entre as peças escritas destaque para *Rua da alegria* e *A acompanhante*, peça que obteve o prémio de teatro da SPA. É membro da Companhia Teatro a 4 desde o seu início.

ELISABETE MARQUES doutorou-se pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com dissertação sobre Maurice Blanchot e Samuel Beckett. Publicou os livros de poesia *Cisco* (2014), *Animais de Sangue Frio* (2017) e *Estranhos em Casa* (2022). Co-editora do livro *Estética e Política entre as artes* (2017), integrou ainda as equipas das revistas *Textos e Pretextos* e *Esc:ala*. Investigadora no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), onde desenvolveu um projecto que incide sobre as relações entre Literatura e Cinema, co-organizou o seminário *Escrita e Imagem* (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e foi curadora do ciclo *O Cinema e as outras artes* (Teatro do Campo Alegre, Porto).

HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO Licenciado em Filosofia, integra a direcção do Teatro da Rainha desde Outubro de 2022. Desde Janeiro de 2018, programa o ciclo *Diga 33 – Poesia no Teatro*, onde recebeu dezenas de autores, editores e ensaístas com trabalho realizado

em torno da poesia. Estreou-se em livro no ano de 1997, publicando desde então várias obras nas áreas de poesia, conto, micronarrativa, ensaio literário e teatro. Está representado em diversas antologias, revistas e publicações colectivas vindas a lume em Portugal, Espanha, França, Itália, Marrocos e Brasil. Participou em oficinas de escrita teatral, dramaturgia e jogo de actor com Joseph Danan, Abel Neves e Jean-Pierre Ryngaert. É autor das peças *Na Cama Com Ofélia* e *S.N.S.*, levadas à cena, respectivamente em 2022 e 2023, com encenação de Fernando Mora Ramos. Publicou, com Joseph Danan e Fernando Mora Ramos, a obra "Texto, performance e outros ensaios" (2024).

MANUEL PORTELA Doutorado em Cultura Inglesa pela Universidade de Coimbra (2001), Manuel Portela tem vasta actividade académica. Professor do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, dirige o Programa de Doutoramento FCT em Materialidades da Literatura. É investigador do Centro de Literatura Portuguesa na mesma universidade. Foi Director do Teatro Académico de Gil Vicente, em Coimbra, entre 2005 e 2008, onde tentou pôr em prática um modelo integrado de trabalho, criação e programação. Autor de diversas criações experimentais, incluindo ensaio, ficção, teatro, poesia e performance, publicou os primeiros poemas nas colectâneas *Cras! Bang! Boom! Clang* (1991) e *Pixel Pixel* (1992). Organizou a exposição internacional de poesia visual e concreta *Wor(l)d Poem* (1993). Traduziu para português, entre outros, livros de William Blake e *A Vida e Opiniões de Tristram Shandy*, de Laurence Sterne, pelo qual recebeu o Grande Prémio de Tradução. É ainda autor do monumental ensaio *O Comércio da Literatura* (2003), um estudo das representações do mercado literário no século XVIII em Inglaterra. Das suas obras mais recentes, destacam-se *camõescreve* (2023) e *Delays e lags quase imperceptíveis* (2024).



QUEM ESTÁ AÍ? M/14

Autores: **Cecília Ferreira, Elisabete Marques, Henrique Manuel Bento Fialho, Manuel Portela**
Direcção e dispositivo cénico: **Henrique Fialho**

Desenho de Luz: **Hâmbar de Sousa**

Som e vídeo: **Raquel Capitão**

Guarda-roupa: Acervo do **Teatro da Rainha**

Interpretação: **Tiago Moreira** (Homem, Vigilante),
Mafalda Taveira (Jornalista, Amina) e **Nuno Machado**
(Repórter de Imagem, Vigilante, Voz)

Música: **Henrique Fialho, Miguel Costa** e **Nuno Machado**

Vozes dos vultos: Participantes na Oficina de Iniciação
ao Teatro para Adolescentes (**Carlos Filipe, Cerys Pickles,**
Daniela Cruz, Elisabeth Verstraete, Kamilly Rocha, Miguel
Bettencourt, Nika, Paula Rego e **Sofia Paixão**), **Inês Barros,**
Henrique Fialho e **Nuno Machado**

Direcção técnica: **Hâmbar de Sousa**

Produção: **Rebeca Vendrell**

Montagem de luz e som: **Hâmbar de Sousa, Raquel Capitão**
e **Inês Silva***

Construção da Torre: **Hâmbar de Sousa**

Criação de imagem e design gráfico: **José Serrão**

Fotografia: **Margarida Araújo**

Spot TV e rádio: **Raquel Capitão**

Comunicação e públicos: **Inês Pereira** e **Nuno Machado**

Programa: **Henrique Manuel Bento Fialho**

Secretariado: **Teresa Almeida**

*Estágio profissional do IEFP

Agradecimentos: **Catarina Neves, Leonor Bento Fialho,**
Manuela Bento Fialho, Manuel Domingos Alexandre,
Margarida Araújo, Mário Galego, Patrícia Faustino,
JP Caldeano





www.teatrodarainha.pt

geral@teatrodarainha.pt

262 823 302 | 966 186 871

De Segunda a Sexta das 9h às 13h e das 14h às 18h

Dias de Espectáculo até às 20h



40
anos
TEATRO
DA RAINHA

 REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

*dg*ARTES
DIREÇÃO GERAL
DAS ARTES


CALDAS DA RAINHA
Câmara Municipal

Gazeta das Caldas JORNAL-CALDAS

 91.1
FM

 RTP

 ANTENA 2

 3m
GROUPEMEDIAS

 FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN